



GUY DEBORD

Teses sobre a Comuna Internacional Situacionista

Guy Debord, Attila Kotányi e
Raoul Vaneigem

1

“É necessário retomar o estudo do movimento operário clássico de maneira desiludida, e desiludida primeiramente quanto aos seus diversos tipos de herdeiros políticos ou pseudo-teóricos, pois eles possuem apenas a herança de seu fracasso. Os sucessos aparentes desse movimento são seus fracassos fundamentais (o reformismo ou a instalação de uma burocracia estatal no poder) e seus fracassos (a Comuna ou a revolta de Astúrias) são até o momento seus sucessos abertos, para nós e para o futuro.”

“Notas editoriais”, *Internacional Situacionista* n°7¹

2

A Comuna foi a maior festa do século XIX. Nela encontramos, fundamentalmente, a impressão dos insurretos de terem se tornado senhores de sua própria história, não tanto no nível da decisão política “governamental”, mas no âmbito da vida cotidiana, naquela primavera de 1871 (ver o *jogo* de todos com as armas; o que significa: jogar com o poder). É também nesse sentido que se deve entender Marx: “a maior medida social da Comuna era a sua própria existência em atos”.

1. Essa citação é extraída do texto *Les mauvais jours finiront* (*Os dias ruins acabarão*, sem tradução em português), que se encontra no sétimo número da revista *Internationale situationniste*, publicada em abril de 1962.

3

A frase de Engels: “Observem a Comuna de Paris. Era a ditadura do proletariado” deve ser levada a sério, como base para mostrar o que não é a ditadura do proletariado enquanto regime político (as diversas modalidades de ditaduras sobre o proletariado, em seu nome).

4

Todos souberam fazer críticas justas às incoerências da Comuna, da manifesta falta de um *aparelho*. Mas como pensamos hoje que o problema dos aparelhos políticos é bem mais complexo do que pretendem os herdeiros abusivos do aparelho de tipo bolchevique, é tempo de considerar a Comuna não apenas como um primitivismo revolucionário ultrapassado do qual superamos todos os erros, mas como uma experiência positiva, cuja verdade integral não foi ainda reencontrada e realizada.

5

A Comuna não teve chefes. Isso em um período histórico no qual a ideia de que era necessário tê-los dominava absolutamente o movimento operário. Assim se explicam primeiramente seus fracassos e sucessos paradoxais. Os guias oficiais da Comuna são incompetentes (se tomamos como referência o nível de Marx ou Lênin, ou mesmo Blanqui). Mas, em compensação, são precisamente os atos “irresponsáveis” desse movimento que devem ser reivindicados para a continuação do movimento revolucionário de nosso tempo (mesmo se as circunstâncias os reduziram, quase todos, ao estado destrutivo – o exemplo mais conhecido é o do insurreto que, ao burguês suspeito que afirma nunca ter feito política, responde: “é justamente por isso que eu te mato”).

6

A importância vital do armamento geral do povo é manifesta, na prática e nos signos, de uma ponta à outra do movimento. No geral, não se abdicou, em prol de destacamentos especializados, o direito de impor pela força uma vontade comum. O valor exemplar dessa autonomia dos grupos armados tem seu reverso na carência de coordenação: o fato de não ter em nenhum momento, ofensivo ou defensivo, da luta contra Versalhes, elevado a força popular ao grau de eficácia militar; mas não se deve esquecer que a revolução espanhola foi perdida, e finalmente a própria guerra, em nome de tal transformação em “exército republicano”. Pode-se pensar que a contradição entre autonomia e coordenação dependia em grande parte do grau tecnológico da época.

7

A Comuna representa até hoje a *única realização de um urbanismo revolucionário*, combatendo em campo os signos petrificados da organização dominante da vida, reconhecendo o espaço social em termos políticos, não acreditando que um monumento pudesse ser inocente. Aqueles que resumem isso a um niilismo de lumpemproletário, à irresponsabilidade das mulheres incendiárias (*petroleuses*), devem admitir em contrapartida tudo o que eles consideram como positivo, a ser conservado, na sociedade dominante (veremos que é quase tudo). “Todo o espaço já está ocupado pelo inimigo... O momento de aparição do urbanismo autêntico será de criar, em certas zonas, o vazio dessa ocupação. Aquilo que chamamos de construção começa ali. Ela pode ser compreendida com o auxílio do conceito de buraco positivo da física moderna”. (*Programa elementar de urbanismo unitário, I.S.6.*)²

8

A Comuna de Paris foi vencida menos pela força das armas que pela força do hábito. O exemplo prático mais escandaloso é a recusa em recorrer ao canhão para tomar o Banco da França quando o dinheiro fez tanta falta. Durante todo o poder da Comuna, o Banco permaneceu um enclave versalhês em Paris, defendido por alguns fuzis e o mito da propriedade e do roubo. Os outros hábitos ideológicos foram ruinosos a todos os propósitos (a ressurreição do jacobinismo, a estratégia derrotista das barricadas em memória de 48, etc.).

9

A Comuna mostra como os defensores do velho mundo beneficiam-se sempre, em um ponto ou em outro, da cumplicidade dos revolucionários; e, sobretudo daqueles que *pensam* a revolução. É nesse momento que os revolucionários *pensam como eles*. Assim, o velho mundo conserva bases (a ideologia, a linguagem, os costumes, os gostos) no avanço de seus inimigos, e se serve delas para reconquistar o terreno perdido. (Apenas lhe escapa, até o fim, o pensamento em atos, natural ao proletariado revolucionário: o Tribunal de Contas pegou fogo.) A verdadeira “quinta coluna” está no próprio espírito dos revolucionários.

2. A citação provém do texto *Programme élémentaire du bureau d'urbanisme unitaire* (*Programa elementar do escritório de urbanismo unitário*), assinado por Raoul Vaneigem e Attila Kontányi, publicado no sexto número de *Internationale Situationniste*, de agosto de 1961.

10

A anedota dos incendiários, nos últimos dias, vindos para destruir Notre-Dame, e que se chocam contra o batalhão armado dos artistas da Comuna, é rica de significados: ela é um bom exemplo de democracia direta. Ela demonstra também, mais adiante, os problemas ainda irresolutos na perspectiva do poder dos conselhos. Esses artistas unânimes tinham razão de defender uma catedral em nome de valores estéticos permanentes e, finalmente, do espírito dos museus, ao passo que outros homens queriam justamente alcançar a expressão naquele dia, traduzindo por essa demolição seu desafio total a uma sociedade que, na derrota presente, rechaçava suas vidas ao nada e ao silêncio? Os artistas partidários da Comuna, agindo como especialistas, encontravam-se já em conflito com uma manifestação extremista da luta contra a alienação. É preciso reprovar aos homens da Comuna de não ter ousado responder ao terror totalitário do poder com a totalidade do emprego de suas armas. Tudo leva a crer que *fizeram desaparecer* os poetas que traduziram nesse momento a poesia em suspense na Comuna. A massa dos atos inacabados da Comuna permite que se tornem “atrocidades” os atos esboçados, e que as recordações sejam censuradas. A frase “aqueles que fizeram revoluções pela metade não fizeram mais que cavar-se uma cova” explica também o *silêncio* de Saint-Just.

11

Os teóricos que restituem a história desse movimento colocando-se no ponto de vista onisciente de Deus, que caracterizava o romancista clássico, demonstram facilmente que a Comuna estava objetivamente condenada, que ela não tinha superação possível. Não se deve esquecer que, para aqueles que viveram o evento, a superação *estava lá*.

12

A audácia e a invenção da Comuna não se mensuram evidentemente em relação à nossa época, mas em relação às banalidades de então na vida política, intelectual, moral. Em relação à *solidariedade* de todas as banalidades entre as quais a Comuna levou o fogo. Assim, considerando a solidariedade das banalidades atuais (de direita e de esquerda) concebemos a medida da invenção que podemos esperar de uma explosão igual.

13

A guerra social da qual a Comuna é um momento ainda perdura (embora suas condições superficiais tenham mudado bastante). No trabalho de “tornar conscientes as tendências inconscientes da Comuna” (Engels), a última palavra não foi dita.

Desde cerca de vinte anos, na França, os cristãos de esquerda e os stalinistas concordam, recordando sua frente nacional antialeemã, para acentuar aquilo que houve na Comuna de desordem nacional, de patriotismo ferido e, para dizer tudo, de “povo francês demandando por petição de ser bem governado” (segundo a “política” stalinista atual), e no fim levado ao desespero pela carência da direita burguesa apátrida. Bastaria, para conspurcar essa água benta, estudar o papel dos estrangeiros vindos para combater pela Comuna: ela de fato fora, antes de tudo, o inevitável teste de forças ao qual deveria levar, depois de 1848, toda ação na Europa de “nosso partido”, como dizia Marx.

18 de março de 1962

Guy Debord, Attila Kotányi e Raoul Vaneigem

Nota Explicativa de Gabriel Ferreira Zacarias

A presente tradução requer algumas explicações. Antes de tudo, é preciso notar que as catorze teses sobre a Comuna de Paris, redigidas em 1962,³ não foram inicialmente escritas para serem publicadas. Seu intento era de servir de base a uma reflexão conjunta entre os membros da Internacional Situacionista e o filósofo Henri Lefebvre, este último trabalhando à época na redação de um livro sobre a Comuna. Pouco tempo depois, em fevereiro de 1963, Lefebvre antecipou na revista *Arguments* a publicação de uma parte daquilo que viria a ser seu livro.⁴

Os situacionistas, inadvertidos, sentiram-se traídos pela publicação de Lefebvre. Primeiro, porque a revista *Arguments*, à qual contribuíam intelectuais de esquerda não alinhados ao Partido Comunista Francês – muitos, aliás, ex-membros do PCF como o próprio Lefebvre – era vista como rival na disputa de um mesmo leitorado de esquerda. Além disso, o texto publicado por Lefebvre possuía trechos de evidente semelhança às teses situacionistas, sem que nenhuma referência fosse feita ao grupo. A Internacional Situacionista acabou, então, por denunciar publicamente Lefebvre por plágio, com a difusão de uma brochura intitulada “Às lixeiras da história” (*Aux poubelles de l’histoire*) na qual

3. Ao final do texto encontramos a data “18 de março de 1962”. A data é, evidentemente, fictícia, e serve a evocar o aniversário da Comuna de Paris.

4. O livro de Lefebvre, *La Proclamation de la Commune*, seria finalmente publicado em 1965 pela Gallimard.

vinham dispostas paralelamente as catorze teses e parágrafos do texto de Lefebvre nos quais as mesmas ideias eram apresentadas. Não deixa de ser irônico que Guy Debord, que sempre se propusera um continuador do “plágio necessário” de Lautréamont,⁵ pudesse acusar alguém dessa forma. Em todo caso, a celeuma marcou o fim da relação pessoal e intelectual entre os situacionistas e Lefebvre, relação que havia sido especialmente profícua para o filósofo e para o líder situacionista. Ela foi concomitante também ao fim da revista *Arguments*, que teve sua última publicação em 1963. O panfleto situacionista, que denunciava o plágio de Lefebvre, marcava ao mesmo tempo a celebração do fim dessa revista, como indicava o seu *incipit*. Na tradução que se segue, retomei apenas as catorze teses originais, sem me preocupar com o “plágio” de Lefebvre ou com o necrológio de *Arguments*.

É preciso recordar também que o pós-segunda-guerra francês foi marcado pelo aparecimento da chamada *ultra-gauche*, quando novos grupos tentaram elaborar um pensamento revolucionário de esquerda em oposição ao comunismo soviético, em parte por conta da desastrosa invasão da Hungria em 1956. Entre os mais importantes desses grupos encontramos *Socialismo e Barbárie* (de Castoriadis e Lefort) e a *Internacional Situacionista* (de Debord e Vaneigem), tendo Guy Debord inclusive frequentado as reuniões do grupo de Castoriadis durante um período. Para esses grupos, a URSS era vista como uma forma de “capitalismo burocrático” no qual a expropriação do trabalho era feita em prol da burocracia estatal. Evocava-se, então, a tradição conselheira como verdadeira via revolucionária, recusando-se o partido como forma privilegiada de organização da classe operária. Não é de se estranhar, portanto, que no texto a seguir os situacionistas busquem inverter a leitura habitualmente aceita da Comuna de Paris no interior da tradição marxista. Para os situacionistas, a incapacidade da Comuna de constituir um aparelho Estatal não constitui um fracasso; pior seria se esta tivesse tido o mesmo fim da Revolução Russa, onde uma ditadura acabara por subjugar o proletariado em seu nome.⁶

Uma última consideração se impõe. Entre a realização dessa tradução e sua publicação, o Brasil foi sacudido por uma onda de manifestações e revoltas de grande força. Para aqueles que viveram esse

5. Debord se propunha um continuador da escritura de Lautréamont, baseada no uso abundante do plágio. Na tese número 207 de *A Sociedade do espetáculo*, Debord retoma uma frase das *Poesias* de Lautréamont: “O plágio é necessário. O progresso o implica”.

6. Sobre essa questão, ver o capítulo IV de *A Sociedade do espetáculo*, “O proletariado como sujeito e como representação”.

momento histórico, o presente texto adquirirá sem dúvida outro sabor. Como não reconhecer com mais clareza agora o caráter de festa e o prazer lúdico da tomada das ruas (que não excluem, porém, seu caráter de disputa)? Como não reconhecer que velhas banalidades petrificadas do debate político giram à descoberto perante uma explosão social? E como não lembrar aos que estigmatizaram de maneira fácil demais os atos ditos de “vandalismo” que, como já sabiam os *communards*, nenhum monumento é inocente? Os situacionistas, que foram um dos mais atuantes grupos no levante de Maio de 68, também sentiram que esse texto ganhava em atualidade após um momento de conflito. Foi provavelmente por essa razão que em 1969, o texto da brochura foi integralmente republicado no número 12 da revista *Internacional Situacionista* – aliás, a única edição da revista realizada após a insurreição parisiense.

Tradução e Notas: Gabriel Ferreira Zacarias